



## O TRIUNFO É DO NELSON

NELSON TRIUNFO COMEÇOU O *BREAK* NO BRASIL HÁ QUASE TRINTA ANOS. CONHECIDO PELA CABELEIRA E PELO TRABALHO SOCIAL E POLÍTICO, ELE FAZ QUESTÃO DE DIZER QUE CULTURA E EDUCAÇÃO NÃO TÊM CLASSE SOCIAL. "TIRAR MOLEQUE DA RUA É DISCURSO DE MARKETING." POR ANDREA DIP

O Nelsão é figura daquelas que a gente conhece mesmo sem nunca ter conversado. daquelas que a gente vê na rua uma vez e não esquece mais. E não é só pela cabeleira que preenche o espaço em volta do homem alto e magro. É porque dança mesmo estando parado, o invertebrado Nelson Triunfo. Irmão de dez, cuidava pequeno da roça em Triunfo, cidadezinha de Pernambuco, com o pai sanfoneiro de quem herdou "um espírito brejeiro", como costuma dizer. Com 7 anos já trabalhava e com 15 foi estudar em Paulo Afonso, na Bahia, onde teve o primeiro contato com a *black music* e a ideologia dos Black Panthers. Daquela época deixou crescer o cabelão, sua forma de protesto que já dura 32 anos. E já dançava James Brown sem saber que os bailes *black* começavam no Rio. Era metade da década de 70 quando foi morar na favela da Ceilândia, em Brasília, para continuar o estudo e apanhou da polícia pela primeira vez, porque foi de pijama para a escola. "Era ditadura militar. Eles não aceitavam o cabelão, a atitude nossa", explica. Com os bailes *black* não implicavam "Eles achavam bom que a gente ficasse na música, mas estavam dando uma falha incrível porque nós estávamos fazendo a maior junção, que era a dos negros, criando nossa auto-estima". Disso, Triunfo pode falar com autoridade. É pregador da auto-estima negra, divulgador da cultura do *funk* e do *soul*. Chegou em São Paulo em 1977, para ajudar a firmar o começo do *hip hop*. "Nessa época estourou tudo. O *soul* foi a grande base para o *hip hop*, porque é original da música negra. Nos Estados Unidos, o *hip hop* surgiu dos filhos dos Black Panthers, junto com o pessoal da Jamaica. No Brasil foi feito mesmo pelo pessoal do gueto, da quebrada." Conta história. Em 1982, o *break* foi para a rua com o Funk Cia, grupo de *b.boys* do qual Nelson faz parte até hoje. E a coisa tomou dimensão diferente. "Era uma

loucura, as pessoas paravam de trabalhar, fechavam a roda. Aí, a gente tinha problemas, porque a polícia baixava, prendia a gente, dispersava. Eles pediam carteira de trabalho. Eu virei freguês da delegacia. Tinha um delegado que gostava de mim e quando eu chegava lá ele perguntava: 'Por que trouxeram esse cara aí de novo? Vai embora'. O cara tava de saco cheio de mim." A paixão fez o homem pagar o preço. Não comia, não parava, vivia da dança. Nelson ficou doente. "O médico falou que eu estava fraco. Que se eu não parasse e me cuidasse aquele negócio ia me matar." Parou. E dessa época fez música: "B.boy – original – dança de rua, dance em qualquer lugar, mostre a verdade sua, mas nunca se esqueça que sua cultura é original da rua! Saiu do subúrbio pra se projetar, no centro da cidade chamou a atenção, com sua dança mágica como um raio ele entrou na comunicação para toda nação. Foi assim no Brasil, como lá no Bronx – da periferia para ruas e academias. Mas nem tudo era glória ou só fantasia, de vez em quando o Funk Cia tinha problema com as leis! Eles paravam a roda e a gente não desistia e pra tudo começar era só apertar o *play*". Em 1985, o *hip hop* tomou corpo. Tahíde, Dj Hum, Pepeu, Nelson – já recuperado –, Racionais, Milton Salles e o Funk Cia começaram a se reunir no centro de São Paulo para dar um rumo para o movimento. O *hip hop* começou a ter função social. "A gente começou a ler Paulo Freire e percebia que, apesar de todo canto, toda dança e de toda pintura com a molecada, quando alguém ia dar uma entrevista, falava besteira. A gente começou a se informar mais, ler mais. O movimento ficou mais politizado nessa época." Nelson fala sobre a campanha de inclusão e conscientização que era feita nas escolas públicas e nos bailes. Conscientização da história e da beleza negra, inclusão que Triunfo tomou como vida, e que prefere

denominar cultural. "Não é tirar a molecada da rua, isso é um discurso de marketing. A real é diferente, porque eu acho que a gente está aqui aberto pra cultura. Podem vir os garotos que têm mais necessidade da informação e pode vir um amiguinho deles da classe média que quer conviver. A cultura não pode ser direcionada pra esse ou pra aquele. Através dessa cultura artística, a gente pode resgatar os jovens, sem dizer se eles são isso ou aquilo. Se gostam de pintar, tem a pintura pra eles, ou a poesia pra quem gosta de escrever, ou para quem gosta de dançar tem a dança pra ele. Nós temos essa dádiva divina de ter os elementos na mão e através deles a gente faz a parte artística, a parte social e educacional. Se eu luto pelo moleque, quero que ele tenha uma perspectiva de vida, uma auto-estima." Os olhos de Triunfo brilham, o tom de voz muda. Porque vive disso, respira. É respeitado pelos manos, porque tem função no movimento. Ajudou a formar a casa do *hip hop* em Diadema, onde dá aulas de *break* e viaja o Brasil fazendo shows e trabalho voluntário. Se orgulha em dizer que é um dos poucos que sobrevivem da dança. No currículo tem homenagens, a abertura da novela *Partido Alto*, a amizade com James Brown. Tem sua festa de 50 anos, que aconteceu em abril, e reuniu cerca de 4.000 pessoas e sua figura no filme *Aqui Favela*, O RAP Representa de Júnia Torres e Rodrigo Siqueira. E tem autoridade para concluir que o trabalho político do *hip hop* é despertar o senso crítico: "Ensina você a respeitar as várias linguagens e etnias, para que o mundo possa te respeitar também". É assim que Nelson Triunfo se inclui na história do *hip hop*. Com o *break* mexe no mundo. E mexe o mundo debaixo dos pés.

Andrea Dip é jornalista.

